

## **Trabalho Infantil no Amapá: reportagem sobre a situação da exploração da mão-de-obra de crianças e adolescentes <sup>1</sup>**

Aline Paiva dos SANTOS<sup>2</sup>  
Antônio Carlos SARDINHA<sup>3</sup>

Universidade de Federal do Amapá, Macapá, Amapá, AP

### **RESUMO**

Trabalho Infantil no Amapá: reportagem sobre a situação da exploração da mão-de-obra de crianças e adolescentes foi resultado laboratorial da disciplina de Produção em Jornalismo Impresso, da Universidade Federal do Amapá, aplicando os conceitos básicos aprendidos em sala de aula. Por meio da prática da reportagem, mostrou-se a problemática da exploração de crianças e adolescentes, que trabalham nas ruas da Capital do Amapá, Macapá. Dentre os conceitos utilizados na produção da reportagem, foi priorizada a diversidade de fontes para aprofundar a apuração das informações e humanizar a notícia. A proposta da pauta e a abordagem apresentada justificam-se pela invisibilidade do tema na cobertura jornalística local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho Infantil; Reportagem; Amapá;

### **1 INTRODUÇÃO**

No Brasil, o trabalho infantil não é permitido sob qualquer condição para crianças e adolescentes entre zero e treze anos; a partir dos quatorze anos pode-se trabalhar como aprendiz, desde que não sejam insalubres ou perigosas e não façam parte da lista das piores formas de trabalho infantil. Segundo o art. 7º, inciso XXXIII, da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA estabelecem a “proibição” do trabalho noturno, perigoso, insalubre e penoso aos menores de 18 anos.

De acordo com os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística – IBGE, em 2013, são 3,2 milhões de crianças e adolescentes trabalhando no Brasil. Em 2012 esse número era de 3,5 milhões, o que mostra uma redução de 10,6%.

O Brasil ainda possui meio milhão de crianças e adolescentes trabalhando na faixa etária de 5 a 13 anos; 61 mil de 5 a 9 anos e 446 mil de 10 a 13 anos. O maior índice de trabalho está na faixa de 14 a 17 anos, sendo 2,6 milhões de adolescentes trabalhando. O nível de ocupação das pessoas de 5 a 17 anos em 2013 foi de 7,5%, e 8,4%. No entanto, as

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 08 Reportagem em Jornalismo Impresso (Avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder e estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - Unifap, email: alinepaivasnts@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - Unifap, email: sardinha@unifap.br.

regiões Sul (9,1%) e a região Norte (8,2%) continuam apresentando os maiores percentuais de trabalho infantil.

Diante a este cenário, a reportagem Trabalho Infantil: exploração de mão-de-obra de crianças e adolescentes no Amapá vem demonstrar a prática da exploração de menores em Macapá, Capital do Estado.

Na reportagem, foi priorizado o relato de fontes que fazem parte diretamente do Trabalho Infantil, tais como adolescentes que vendem balas no transporte coletivo municipal de Macapá, ou com amendoim e queijo quente na Orla da Cidade. Além de fontes oficiais que devem realizar ações de combate a problemática, dentre elas o Ministério Público do Amapá, Superintendência Regional do Trabalho e Emprego, Conselho Tutelar e Prefeitura Municipal de Macapá.

Conforme Schmitz (2011) as fontes de notícias:

São pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p.9)

Para construção da reportagem e deste paper foram utilizados reflexões de autores da área de produção jornalística, tais como confecção da pauta com relevância social, escolha das fontes, entrevista, redação e reportagem. É descrito todo o desenvolvimento de produção da reportagem, as dificuldades e técnicas utilizadas na confecção da matéria.

Consideramos que produzir uma reportagem é levar ao leitor o máximo de informações possíveis:

A reportagem é uma prosa de grande fôlego que conta uma história com máximo de pormenores possíveis, incluindo muitas notas de cor local, procurando levar os leitores para o mais próximo possível do acontecimento, como se eles próprios o pudessem também estar a vivê-lo. «O repórter é um olho, um nariz e um ouvido inclinados sobre a caneta.» (SIMÃO, 2007, p. 29)

A prática da reportagem está ligada forma de narrar, e até mesmo explicar, fatos sociais. Segundo Melo (1994, p. 65) “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 18) definem com o gênero reportagem um tipo textual que oferece “detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo”.

Sendo assim, para produzir uma boa reportagem, utiliza-se bastante tempo, confeccionando o texto, pois a mesma não tem a mesma efemeridade da notícia. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari afirmam que:

Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 18).

## **2 OBJETIVO**

O objetivo geral do trabalho a ser apresentado é dar visibilidade a uma prática recorrente no Estado do Amapá, mas especificamente na sua capital, Macapá, onde o Trabalho Infantil é uma prática visível e frequente, e quando tratado pelos veículos de comunicação locais é noticiado de forma superficial, pautado apenas quando há uma ação de combate, relacionada à divulgação do autor ou projeto, ou contendo informações preliminares, não ouvindo apenas as fontes oficiais. Além disso, a proposta é abordar o que tem sido feito, no âmbito de políticas públicas, no combate a essa prática, principalmente no cenário local.

A reportagem buscou-se também coletar relatos de vítimas do Trabalho Infantil, realizando trabalho de campo e pondo em práticas as técnicas de entrevistas aprendidas em sala de aula, além do aparato de conhecimentos do código de ética do Jornalista Brasileiro, no que diz respeito o direito de preservar a identidade das fontes.

De acordo Schmitz (2011) as notícias resultam de processos complexos da interação, mas há limites na sua produção, por isso, cada vez mais as fontes fornecem conteúdos prontos para uso.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Segundo o último relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), “Medir o progresso na luta contra o trabalho infantil”, em 2013 havia 168 milhões de crianças e adolescentes trabalhadoras no mundo, sendo que cinco milhões estão presos a trabalhos forçados.

No Amapá, as formas mais comuns de Trabalho Infantil são comércio informal, onde é possível encontrar crianças nas ruas vendendo doces, queijo quente e amendoim. No entanto, há também a exploração sexual de adolescentes nas vias das periferias da capital. O trabalho doméstico também se faz presente, em que meninas vêm do interior dos

municípios do Estado para morar na casa de terceiros. O fato do Amapá ainda apresentar grandes áreas rurais, devido a pouca industrialização, o trabalho rural é encontrado na agricultura de subsistência.

No último censo, em 2010, o Estado do Amapá, no num período de 10 anos, piorou a proporção de trabalho infantil, de 7,9% passou para 9,9%. A capital Macapá, sozinha concentra 50% dos casos de trabalho infantil do Amapá, ou seja, 6 mil 203 crianças e adolescentes, de 10 -17 anos, estavam ocupados no período da pesquisa.

Como apresentado, a exploração do Trabalho Infantil é uma prática visível e, quando tratada nos veículos de comunicação locais, as notícias são feitas de maneira superficiais. Tendo em vista isto, no contexto jornalístico, é essencial ressaltar seu papel social, de levar notícias de qualidade a população a comunidade. Lage (2006) diz que o jornalismo progressista não é aquele que seleciona apenas discursos tidos como avançados em dados momentos, mas o que registra com amplitude e honestidade fatos e idéias de seu tempo.

Buscando tratar esse tema que afeta diretamente muitas famílias amapaenses, a reportagem procurou aproximar o leitor de algumas dessas vítimas de trabalho infantil, ouvindo também responsáveis de preservar e lutar pelos direitos destas crianças e adolescentes.

A proposta foi ampliar as perspectivas sobre o tema e contribuir com uma reflexão ampla da questão no exercício da reportagem como narrativa elucidativa sobre temas de interesse público.

O que justifica este trabalho é a importância de se publicar uma reportagem sobre uma prática recorrente no norte do Brasil, explicando-a e contextualizando-a, numa abordagem que destaque a perspectiva das vítimas do trabalho ilegal, humanizando assim reportagem com histórias de personagens.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Como ponto de partida, para a criação da pauta, procurou-se realizar a pesquisa jornalística sobre o tema. As pesquisas encontradas sobre trabalho infantil trouxeram conhecimento para elaborar a pauta, escolher o viés que daria à reportagem e também proporcionou um maior entendimento do assunto para saber a melhor abordagem aos entrevistados.

A repórter foi responsável por todas as etapas de produção da reportagem - da preparação de pauta à edição, passando pela coleta de informação e entrevistas com as fontes que necessitavam ser ouvidas.

Buscou-se aproximar o leitor da realidade das crianças e adolescentes que sofrem com o trabalho infantil, optou-se por exemplificar casos reais dessa forma de exploração, que é pouco abordada pela mídia local, aproximando por meio de relatos e boas histórias o leitor do tema, considerando que “o leitor deseja saber o que ainda desconhece, ou que sabia apenas superficialmente” (ERBOLATO, 2004, p. 55)

Lage (2006), explica que a reportagem é um assunto ou relato:

A reportagem não cuida da cobertura de um fato singular ou de uma série de fatos, mas de um levantamento de um assunto ou de um relato de um episódio complexo, de acordo com um ângulo preestabelecido. (LAGE, 2006, p. 54)

O processo de apuração de informação teve início a partir das entrevistas com as crianças e adolescentes vítimas de trabalho infantil. Segundo Schmtiz (2011, p.12):

"O saber do jornalismo também é construído pela fonte, embora não se preste a devida atenção à sua relação com a mídia. As notícias resultam de processos complexos da interação, mas há limites na sua produção, por isso, cada vez mais as fontes fornecem conteúdos prontos para uso."

Foi a partir dessa ideia que a pauta pode ser apurada, visualizado de perto as dificuldades enfrentadas pelas crianças e adolescentes nas ruas de Macapá. Com os relatos das vítimas, podem-se buscar fontes responsáveis para esclarecer e discutir as causas e soluções a cerca do problema.

Conforme Lage (2006) as fontes podem ser mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais. Classificam-se em:

"Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso" (LAGE 2006, p.62-63)

As vítimas de trabalho infantil foram às personagens centrais da reportagem, onde contaram suas histórias, introduzindo o leitor à problemática narrada. Por ser tratar de crianças e adolescentes, a identidade foi mantida em sigilo, utilizando pseudônimos, assegurado pelo código de ética do Jornalista Brasileiro.

Conforme Schmtiz (2011, p.67), a fonte tem o direito de se manter anônima, amparadas pelo artigo 5º, inciso XIV, da Constituição Federal. O profissional da comunicação, assegurado pelo código de ética dos jornalistas brasileiros, da Fenaj (2008), também, caso necessário, pode resguardar o sigilo da fonte. O autor também diz que o conteúdo revelado pela fonte pode ser usado "como uma sugestão de pauta e ponto de partida para apuração dos fatos".

Durante a coleta de informações, uma das crianças relatou que se sentia cansada, demonstrando que o trabalho infantil prejudica fisicamente e também mentalmente, fazendo o menor ter baixo rendimento escolar. Os relatos foram fundamentais para que durante as entrevistas, as fontes oficiais pudessem esclarecer as políticas públicas de combate e soluções dos problemas ocasionados pelo trabalho infantil.

Em outras palavras, a história de interesse humano oferece uma releitura de um acontecimento a partir de detalhes que possam suscitar a emoção do leitor, os quais são costurados numa narrativa bem elaborada; já a história colorida tem como tônica a descrição dos cenários onde os fatos ocorrem, suas cores e sensações percebidas pelo repórter. Por isso mesmo, ambos os formatos exigem que o jornalista vá a campo fazer sua apuração. (ASSIS, 2010, p. 151)

Foram ouvidos os dois Conselhos Tutelares de Macapá, na Zona Sul e Norte, na qual relataram as dificuldades enfrentadas para assegurar os direitos das crianças, dentre eles o combate as práticas do trabalho infantil.

Além disso, buscou-se a Prefeitura Municipal da Capital, que no ano 2013 assinou um termo de compromisso de prevenção e erradicação do trabalho infantil, pois mesmo após um ano do fato, as crianças e adolescentes de Macapá ainda estavam sendo exploradas. Também, optou-se por ouvir fontes especialistas, tais como um Auditor Fiscal do Trabalho, da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Amapá e o Ministério Público do Estado.

Numa reportagem bem feita, o repórter deve ouvir fontes de vários tipos para garantir a diversidade de vozes e, dessa forma, oferecer ao leitor pontos de vista contrastantes. Assim, embora os fatos já sejam entregues ao leitor interpretados pelo repórter e pelo editor, amplia-se a livre interpretação de quem lê. O que mais se vê, no entanto, é a presença majoritária de fontes oficiais e de *experts* nas páginas de revistas. Existem muitas vozes que jamais serão ouvidas ou mostradas pelos jornalistas. (FURTADO, 2013, p. 154)

No processo de produção da reportagem, a escolha de aproximar o leitor das vítimas de trabalho infantil também se deu em razão da humanização da informação. Schmtiz (2011, p.16) afirma que noticiar com a frieza da objetividade torna o conteúdo superficial e

sem apelo. Por isso, o jornalismo recorre ao conhecimento das fontes, para aprofundar a apuração e humanizar a notícia.

Durante a apuração das informações e coletas de dados, um obstáculo foi encontrado: a contradição entre fontes especialistas e oficiais. Os especialistas relataram a problemática do trabalho infantil, apontando não somente as dificuldades no processo de combate e erradicação as práticas de exploração de mão-de-obra de crianças e adolescentes, mas também as soluções, como o funcionamento de maneira eficaz dos programas sociais. No entanto, as fontes oficiais assumiram o problema social existente em Macapá, mas não comentaram sobre possíveis melhorias. “As fontes podem mentir, mas é de se esperar que não mintam”. (LAGE, 2006, p.54).

No processo de apuração da reportagem, a falta de disponibilidades das fontes oficiais foram uma problemática. A disponibilidade é outro critério citado por Duarte (2010), e para ele, é necessário que haja informações suficientes sobre o tema bem como, fontes disponíveis e acessíveis.

Na reportagem, procurou-se utilizar de linguagem objetiva, mais comum e recomendada para melhor compreensão por parte dos leitores. Para Erbolato (2004) a objetividade é uma característica da notícia. Deve ser publicada de forma sintética, sem rodeios e de maneira a dar a noção correta do assunto focalizado. Concordando com essa afirmação, Lage (2007) argumenta que o importante da comunicação é fazer-se entender.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Depois da escolha do tema trabalho infantil, o próximo passo foi à definição das fontes. Uma tarefa não muito fácil, visto que seria complicado conseguir relatos de crianças e adolescentes que trabalhavam pelas ruas de Macapá, os adolescentes têm receio de serem identificados, já que a exploração de menores é considerada crime no Brasil.

O anonimato foi garantido, visto que a intenção da reportagem não era expor as vítimas, e sim suas histórias sobre trabalho infantil. De acordo com o artigo 5º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, “é direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte” e, conforme o artigo 6º, inciso VIII, “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”.

Na opinião do autor e de vários outros profissionais liberais e comentaristas muito mais experientes, o jornalista tem o direito moral de proteger a fonte de sua informação caso tenha se comprometido a fazer isso; do contrário, revelar a fonte pode causar grandes dificuldades a essa



pessoa em sua vida particular e profissional, causando até mesmo sua prisão em decorrência de um processo penal. (RUDIN, 2008, p. 312)

Depois de fazer um levantamento sobre os possíveis lugares onde poderia encontrar os entrevistados, a repórter foi a campo exigindo conhecimento de todas as técnicas de entrevista e forma de lidar com diferentes tipos de fontes.

Não há jornalismo sem entrevista. A afirmação pode parecer radical numa primeira leitura e até mesmo na segunda, mas o fato é que na raiz da reportagem está, inegavelmente, a milenar arte de fazer perguntas. Por mais simples que seja uma matéria, é muito raro um repórter valer-se somente do setor de pesquisas do seu jornal, das agências de notícias ou de outras fontes indiretas de informação para a realização de seu trabalho, prescindindo da entrevista. Sempre chegará o momento em que será preciso que ele trave contato pessoal com um informante e lhe dirija algumas perguntas. Terá sido feita uma entrevista, mesmo que singela. (MUHLHAUS, 2007, p. 15).

As crianças e adolescentes vendem doces no transporte coletivo municipal de Macapá durante o dia, então foi necessária algumas voltas nos ônibus da cidade. Mas, foi uma garota sentada em uma parada na Avenida FAB, a via mais movimentada da capital, que chamou a atenção.

Joana, (Nome fictício), 12 anos, trabalhava desde os 7 anos com a venda de bombons. Reside na zona norte da capital, com a mãe e seis irmãos, o pai deixou a família. Juntamente com o irmão de 15 anos, que também começou a realizar atividades muito cedo, a garota vendia doces para ajudar na renda da família.

A outra fonte escolhida foi um garoto que passava empurrando uma bicicleta nos quiosques da orla de Macapá, por volta das 22h. Rael, (Nome fictício), 12 anos, morava em uma área de ressaca com o irmão mais velho, de 27 anos. Trabalhava sozinho na venda de amendoim, cerca de 5 horas por dia, voltando todas as noites sozinho.

Após a coleta dos relatos, foi necessário procurar Conselho Tutelar, órgão responsável por gelar os direitos das crianças e adolescentes. Houve grande dificuldade em falar com os Conselheiros, devido à indisponibilidade de alguns por estarem de plantão. Devido insistentes idas aos prédios do conselho tutelar, foi possível realizar entrevistas direcionadas a falta de fiscalização na Capital.

Também foram entrevistados o Ministério Público Estadual, que participa do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), além da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego do Amapá e Prefeitura Municipal de Macapá, que assinou um termo de compromisso pela erradicação do Trabalho Infantil.



A reportagem mostra que apesar de ações realizadas em combate as práticas de exploração do trabalho infantil, muitas crianças e adolescentes continuam diariamente nas ruas de Macapá, demonstrando a falha das fiscalizações e problemas nos programas sociais de assistencialismo as famílias.

A produção finalizada tem como título “Trabalho infantil marca a cena urbana de Macapá” com 16 páginas, contendo dois boxes de histórias de vítimas, além de dados de pesquisas como o Censo 2010, PNAD 2013 e 2012 e dados locais sobre as ocorrências de exploração infantil, falha nas ações e programas sociais, além de informações sobre consequências as crianças e adolescentes trabalhadores.

Optou-se por uma narrativa objetiva, trazendo relatos, mas também dados, que possibilitariam o leitor a compreender melhor a situação explanada na reportagem. Segundo Rudin (2008, p. 59), numa reportagem “o estilo de escrita deve refletir a natureza do assunto e do leitor, porém deve ser coerente, fluir livremente em uma progressão lógica que leve o leitor a vários pontos da narrativa”.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

O grande desafio na realização da reportagem Trabalho Infantil: exploração de mão-de-obra de crianças e adolescentes no Amapá foi à busca pelas fontes, pois os órgãos responsáveis por fornecerem informações dificultam o acesso, ainda mais que a aluna ainda estava graduando, não era uma jornalista formada.

O que chamou a atenção durante a procura por dados, é que o Estado do Amapá, no último censo em 2010, num período de 10 anos, aumentou a proporção de trabalho infantil, de 7,9% passou para 9,9%. A capital Macapá, sozinha concentra 50% dos casos de trabalho infantil do Amapá, ou seja, 6 mil 203 crianças e adolescentes, de 10 -17 anos, estavam ocupados no período da pesquisa.

Isso contribuiu pela escolha de realizar uma reportagem que mostrasse um pouco desse cenário local, pois o Amapá ainda é um dos Estados em que os índices de trabalho infantil crescem cada vez mais.

A realização de todo o trabalho de reportagem contribuiu para por em prática todos os conhecimentos discutidos e socializados em aula, o que não foi fácil, pois acadêmica teve que realizar desde a produção da pauta a edição, sem suporte de uma equipe.

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os

olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. (LAGE, 2006, p. 23).

Ao apresentar um tema pouco abordado, o jornalismo contribui para a construção de novos olhares acerca de assuntos que merecem visibilidade. A reportagem possibilitou exercer o principal dever do Jornalista, como já dizia Kovach e Rosenstie (2003), o compromisso com em pautar questões de interesse público e provocar debates no espaço público sobre temas importantes.

Por se tratar de um desafio, ao concretizá-lo, foram absorvidos conhecimentos, mais que uma pauta consideravelmente mais simples. Além disso, é sempre uma experiência enriquecedora entrar em contato com uma realidade tão distante da qual se vive, pois o fato de poder conviver com os adolescentes em situação de vulnerabilidade proporcionou aprendizado importante, pude crescer não somente como Jornalista, mas como pessoa.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Francisco de. **Gênero Diversional**. MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- DUARTE, Jorge. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, capitação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- FURTADO, Thais. **O aprofundamento como caminho da reportagem de revista**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- KOVACH, Bill. ; Rosenstieil, Tom. **Os Elementos do jornalismo**. ed. 1. Geração Editorial, 2003.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MELO, J.M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MÜHLHAUS, Carla. **Por trás da entrevista**. São Paulo. Editora Record, 2008.
- RUDIN, Richard. **Introdução ao jornalismo: técnicas essenciais e conhecimentos básicos**. São Paulo: Roca, 2008.
- SCHMTIZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. 1. ed. Florianópolis: Combook, 2011.
- SIMÃO, João. **Manual de jornalismo impresso – o informativo**, Universidade de trás-os-montes e alto douros, 2007.
- SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.